
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

# WICCA, DRUIDISMO E ASATRÚ: UMA BREVE HISTÓRIA*

Karina Oliveira Bezerra, UNICAP**

**Resumo**

O artigo traça de maneira breve, sobre o início, desenvolvimento e atualidade de três religiões neopagãs: Wicca, Druidismo e Asatrú. O neopaganismo é um movimento religioso centrado no resgate dos deuses antigos e no mundo animado por seres mágicos, sendo a natureza sacralizada e cultuada em ritos sazonais. Busca-se a reconstrução das antigas religiões pré-cristãs europeias, e para isso cada denominação percorreu uma trilha e criou uma história. O início da empreitada se dá na Europa romântica e nacionalista do século XIX, e emerge no pós-segunda guerra mundial, ganhando força, um pouco de popularidade e legitimidade, na década de 1970, depois do fecundo e efervescente anos sessenta. Na atualidade, o movimento é cada vez mais estudado na academia, e vem crescendo no mundo. De acordo com o site adherents.com, o Neopaganismo possui um milhão de adeptos.

**Palavras-chave**: Neopaganismo. Novas religiões. Pagan Studies.

O movimento romântico surgiu em fins do século XVIII, se desenvolve e se prolonga em grande parte do século XIX. Ele desafia a racionalidade do iluminismo, e busca um nacionalismo que viria a consolidar os estados nacionais na Europa. Eric Hobsbawn (2007, p.125) diz que a historiografia ocidental tradicional, tem pouca dúvida sobre em torno do que girava a politica internacional entre os anos de 1848 e 1870: em torno da criação de uma Europa de Estados-nações.

O sentimentalismo se voltará para a valorização de um passado étnico cultural europeu, ofuscado e desestruturado pela invasão da cristandade. As "nações emergentes procuraram uma identidade num passado idealizado. Por toda a Europa, estudiosos e românticos começam a explorar o folclore e lendas de suas terras nativas" (PAXSON, 2009, p.70).

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 11 – Fenomenologias, história e religiões.

** Doutoranda e mestre em Ciências da Religião, e graduada em História, todos pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Integrante do grupo de pesquisa interuniversitário "Espiritualidades Contemporâneas, Pluralidade religiosa e Diálogo", da UNICAP. É bolsista capes de doutorado, e professora na Faculdade Joaquim Nabuco.

O paganismo europeu começa aparecer na poesia, na música, na literatura, em Ordens e posteriormente na academia: a imagem da bruxaria como a religião natural e primordial da Europa, com seu culto a grande deusa da natureza e seu consorte. A retomada dos contos e mitologia nórdica. E o interesse pela herança celta do povo Galês, vendo o druidismo como uma consciência benigna da harmonia com a natureza. Abordaremos primeiramente as ideias e práticas que deram aporte ao surgimento da bruxaria pagã moderna, a Wicca. Pois foi a primeira religião neopagã a se concretizar, e subsequentemente a mais popular e influente de todas.

## Wicca

O historiador Ronald Hutton (1999, p.132) diz que a revogação das leis contra bruxaria,[1] ocorrida gradualmente nos século XVII e XVIII, é o resultado do momento que a maioria da elite intelectual, politica e social da Europa deixa de acreditar que humanos podem fazer maldades através de estranhos e meios não físicos.

> A bruxaria declinou porque uma nova cosmovisão fez dela uma superstição. Declinou porque defender a bruxaria sob o novo referencial era intelectualmente tão indecoroso quando tinha sido ataca-la sob o antigo sistema mental. (RUSSEL, 2008, p.129-130).

Consequentemente esses intelectuais viam a bruxaria apenas como uma invenção monstruosa das autoridades eclesiásticas a fim de consolidar seus poderes e aumentar seus fartos ganhos. Em oposição a esse anticlericalismo, dois polêmicos clérigos, um jornalista e outro um bem estabelecido historiador, sustentaram a ideia de que as bruxas perseguidas eram praticantes de uma sobrevivente religião pagã. Foram eles, Karl Ernst Jarcke, em 1828, e Franz-Josef Mone, em 1839. Jarcke sugeriu que

> A bruxaria da idade moderna tinha sido a remanescente degenerada da antiga religião pagã nativa. Em seu esquema,

[1] Mas sobre a magia como charlatanismo continuou.

> esta tinha permanecido entre as pessoas comuns, que tinha sido condenada pelos cristãos como satanismo, e, no curso da Idade Média tinha respondido, adaptando-se para o estereótipo cristão e se tornado adoração ao diabo seriamente". [...]
>
> [E Mone sugeriu que] a religião secreta perniciosa em questão era na verdade uma importação estrangeira, uma versão degenerada dos cultos dos mistérios clássicos de Hécate e Dionísio, introduzida pelos escravos gregos e mantida pelos membros mais debochados da sociedade. Em seu esquema, isto foi detestado tanto pelos praticantes do paganismo nativo e, em seguida, pelos cristãos que sucederam eles, uma vez que eram focados, no culto de um deus como um bode, orgias noturnas, e as práticas de feitiçaria e envenenamento. (HUTTON, 1999, p.136, tradução nossa).

Essa interpretação foi negada por historiadores pesquisadores dos tribunais da inquisição. Mas aceita de maneira reversa, ou seja, vendo a bruxa como positiva, na literatura, na poesia, na música; até entrar na academia pela Antropologia em fins do século XIX e início do XX.

Em 1862, o historiador Jules Michelet escreve um romance denominado "A Feiticeira", e inconscientemente lança as bases da bruxaria pagã moderna. Ele apresenta a feitiçaria como a religião original da Europa, uma sobrevivência da religião pagã, e descreve a bruxa como uma rebelde, representante da liberdade espiritual, do direito das mulheres e das classes trabalhadoras.

Confirmando a existência de bruxas ainda no século XIX, o jornalista e folclorista Charles Leland, em Aradia- O Evangelho das Bruxas (1889), descreve a bruxaria, através do relato de uma jovem chamada Maddalena – uma bruxa de Florença, na Toscânia. Ela afirmou ser descendente de uma tradição da bruxaria, a stregoneria (bruxaria em italiano).

No ano seguinte o célebre antropólogo de gabinete Sir. James Frazer, em seu livro de ficçao erudita,[2] "O ramo dourado" (1890), sugere que as

[2] No prefácio da edição do Ramo Dourado, de 1982, da Zahar Editores, o Professor Darcy Ribeiro diz: "O ramo de ouro é uma ficção erudita sobre o passado humano que se lê sentindo o forte sabor de verdade revelada das antecipações que ousam pensar racionalmente o que é impensável cientificamente. O próprio Frazer, aliás, estava consciente disso. Sempre apresentou suas conjecturas como meramente plausíveis,

antigas religiões eram cultos de fertilidade, tendo como mito central em quase todas elas, o matrimonio entre a deusa da natureza e seu consorte, um rei sagrado, que posteriormente era sacrificado, mas que renascia.

Essa teoria de Frazer, de uma espécie de religião primordial, com raízes no paleolítico, com culto a uma Deusa e um Deus de múltiplas faces, a ela subordinado, somada ao pensamento da bruxaria como a religião dos povos pré-cristãos, possibilitaram a construção da tese, da antropóloga, folclorista, e egiptóloga inglesa, Margaret Murray. Em suas obras, "O Culto das Bruxas na Europa Ocidental" (1921) e "O Deus das Feiticeiras" (1933), conclui que a bruxaria era uma religião organizada e difundida, enraizada no culto de fertilidade pagã europeia, com raízes que se estendem de volta à era paleolítica e mostra, de forma convincente, que o Deus cornífero não era o Satã cristão. As teorias apresentadas lançaram as bases para a formação do "mito de origem" da bruxaria moderna ou Wicca.

Em 1954, um funcionário público aposentado chamado Gerald Gardner (1884-1964) publica seu primeiro livro não ficcional, chamado "A bruxaria hoje". Esse, se denominando antropólogo - apesar de ser amador - descreveu em seu livro como a bruxaria estava sendo praticada. Gardner alegou ter descoberto e ter sido iniciado em 1939 em um coven (grupo) de bruxas de New Forest (cidade na Inglaterra), e que esse era um remanescente do paganismo antigo europeu. Nesse livro, ele utilizou o termo Wica e bruxa, para definir as seguidoras da bruxaria. Posteriormente, em seu segundo livro, "O significado da bruxaria" (1959), no último capítulo, emprega o termo Wicca e Arte da Wicca referindo-se à religião.

Então, o marco do surgimento da Wicca é o lançamento desse livro de Gardner. No entanto, há um problema histórico na alegação de Gardner. Já na época de publicação de seu livro, os acadêmicos contestavam as teorias de Frazer e Murray. E negavam a possibilidade de um sistema religioso

tomando o cuidado de assinalar o seu limitado alcance e sua precária validade." (FRAZER, 1982, p.04).

organizado pré-histórico ter sobrevivido à Idade Média e muito menos ter chegado até o século XX.

Mas só foi na década de 1990, quando os antropólogos e historiadores começaram a estudar o fenômeno crescente de adeptos da Wicca, que as crenças da Wicca começaram a ser verificadas enquanto mito ou história. O historiador Ronald Hutton, em "The Triumph of the Moon" (1999), conduziu pesquisas sobre as práticas pagãs pré-históricas conhecidas, desmistificando muitas das crenças básicas da Wicca. Desde então, há muita discussão sobre o tema, mas não houve um abalo significativo no pensamento do crente. O praticante Frederic Lamond, em 2004, no seu livro Fifty Years Of Wicca, questiona no primeiro capitulo, sobre a autenticidade da versão de Gardner do ofício, e diz: "Isso não importa! O feitiço funciona para você? Será que isso importa, se os rituais que ele trouxe para você, são de três ou três mil anos?" (LAMOND, 2004, p.12).

A identificação dos bruxos neopagãos é vinculada a crença nos deuses antigos, ao casal sagrado, a deusa tríplice e ao deus cornífero, no culto da fertilidade e da natureza dos pagãos, nas práticas mágicas, e na figura romântica da bruxa. A Wicca ganhou muitos adeptos na década de sessenta e setenta, por conta do movimento da contracultura e do feminismo, na década de oitenta ganhou mais adeptos por conta da Nova Era. Esses movimentos modificaram as feições da Wicca, e disseminaram suas crenças. Apesar de ainda permanecer no imaginário popular a imagem da bruxaria diabólica, ou da bruxaria como algo ruim, é evidente a transformação gradual da figura da bruxa na mídia, trazendo a bruxaria como algo ligado a natureza, e a poderes mágicos não necessariamente maléficos, e em grande parte benéficos e atraentes. O livro (1979), e posterior filme "As brumas de Avalom" (2001), o seriado "Sabrina, a aprendiz de feiticeira" (1996), os filmes "Jovens bruxas" (1996) e "Da magia a sedução" (1998), demonstram essa mudança no imaginário midiático.

## Druidismo

O registro mais antigo sobre os druidas é de Júlio Cesar, escrito no ""Das Guerras na Gália". Posteriormente, outro autores clássicos trataram do assunto. O que se tece é que os druidas tinham um poder sacerdotal, em um sistema religioso de alta complexidade, que conseguiu unir uma civilização que se estendeu do centro do continente europeu até as ilhas do norte, sem nunca ter formando um Estado centralizado. Depois do domínio romano e cristão, só haverá fonte escrita da tradição druídica do século VIII em diante, na Irlanda e nos textos galeses. "Em termos de prática, o que restou de um druidismo na Alta Idade Média cristianizada foram os bardos, considerados poetas da corte e detentores de uma memória arcaica" (DONNARD, 2006).

Em 1717, o irlandês John Toland teria lançado as bases de uma Ordem Druida, mas não há comprovações de seu vínculo com alguma ordem. Sua possível intenção era reunir os bardos que existissem nas ilhas e continente. Toland foi um anticlerical e "livre-pensador". Cunhou o termo panteísmo e o propagou. Sua obra é extensa, tendo como destaque, "History of the Celtic Religion and Learning Containing an Account of the Druids" (1726).

O possível sucessor de Toland foi o antiquário e vigário anglicano William Stukelley, cujo trabalho em círculos de pedra influiu no desenvolvimento da arqueologia moderna. Os legatários de Toland, de acordo com Emma Restall Orr[3] (2002, p.53), tinham atitude quanto ao druidismo cristã, "quando não conformista, com um forte senso de que o antigo druidismo havia sido enviado por Deus para preparar o caminho para a vinda do cristianismo."

Em 1781, Henry Hurle, cria de fato a Antiga Ordem dos Druidas, com influência da maçonaria. Funcionava como um clube social, especialmente

[3] Foi uma senior membro da Orden dos Bardos, Ovates e Druidas. Em 1993, foi líder adjunta da British Druid Order, até criar em 2002 a The Druid Network.

para homens com um interesse comum na música. Em 1834, a ordem se desmembra e surge mais uma: a Antiga Ordem Unida dos Druidas.

Até o momento nenhuma das ordens tinham uma estrutura religiosa. No entanto, esse período é marcado por um interesse por tudo que é galês nos círculos intelectuais da Inglaterra e de Gales. Assim, é nesse clima que, um pedreiro galês, nacionalista, com oposição à monarquia britânica, mas que trabalhava em Londres achou inspiração. Seu nome era Edward Williams, mas adotou o nome bárdico Iolo Morgannwg. Ele alegava que era um dos últimos iniciados de um grupo de sobreviventes de druidas da Idade do Ferro. A partir de 1792, quando fundou a Gorsedd[4] em Primrose Hill, organizou rituais neodruidicos, com alguns de seus seguidores, que categorizou como Bardos e Ovates, sendo ele o único druida. Ele acreditava que praticava a religião dos antigos druidas, que envolvia a adoração de uma divindade monoteísta singular, bem como a aceitação da reencarnação. (HUTTON, 2009. p. 146–182). No entanto, Morgannwg não encontrando material suficiente para recriar o druidismo que estava procurando, "forjou documentos e poemas para legitimar e ampliar suas pesquisas. Suas falsificações foram aceitas como autênticas até o nosso século" (ORR, 2002, p.54).

Entretanto, somente em 1964 irá surgir uma ordem realmente pagã, tendo como foco o elemento religioso, surgindo aí de fato o neodruidismo. Essa empreitada foi realizada por um membro e presidente da Antiga Ordem dos Druidas, o historiador, poeta e artista Philip Ross Nichols. Este senhor conheceu e tornou-se amigo de Gerald Gardner, o já mencionado sistematizador da Wicca, o que o estimulou a sair da Antiga Ordem dos Druidas, após divergências da sucessão da liderança, e enfim fundar a Ordem dos Brados, Ovates e Druidas. Emma Restall Orr diz que, "Ao erguer a base da nova Ordem, foram postas em prática ideias que havia discutido

[4] Reunião de bardos da Ilha da Grã-Bretanha. Seguindo a velha tradição galesa do eisteddfod (termo galês que significa "sessão" ou "reunião"), cujo primeiro registro data do século XII, levou o gorsedd para Gales no início do século XIX. (ORR, 2002, p.54).

com Gardner. A mudança de enfoque foi significativa, sendo introduzidas muito mais ideias que precederam o renascimento do século XVIII com sua tendência cristã" (ORR, 2002, p.56). A história de Ross Nichols é muito parecida com a de Gardner, ambos tiveram muita influência do esoterismo, do movimento naturalista, e é claro do paganismo.

Assim como a Wicca na década de 1990 foi alvo de estudo dos antropólogos e historiadores, assim foi o neodruidismo. Linhagens e personagens, crenças e ritos foram colocados em questão. Anna Donnard (2006), faz a seguinte pergunta: Como fabricar rituais sem os arcanos de uma religião, sem textos sagrados e sem iniciação pelos seus sacerdotes? Sua resposta enquanto acadêmica é:

> O patrimônio cultural e religioso bretão oferece um universo de enorme riqueza para o pesquisador. Arqueólogos, historiadores, folcloristas, medievalistas e, obviamente, celtólogos e lingüistas, poderão talvez um dia ultrapassar os preconceitos e as etapas difíceis da matéria para encontrar, no fundo de uma memória pré-cristã, as respostas que desejamos encontrar sobre os druidas e seus mistérios. E talvez seja esta a legítima contribuição da pós-modernidade em relação ao Druidismo antigo. (DONNARD, 2006).

No entanto, para os praticantes, a perspectiva e expectativa sobre o druidismo são bem diferentes. Não há absoluto, exato e revelado. O sucessor de Nichols, Philip Carr-Gomm, explica:

> O druidismo não é um caminho complicado. Pode até não ser um caminho. Entendê-lo significa reorientarmo-nos de maneira a poder-nos nos aproximar do misterioso, do feminino, das Artes, estética e esotérica, de um modo que nos permita largar as suposições e presunções a respeito da vida, e sermos conduzidos, como numa cerimônia druida, em torno do círculo de nossa existência para o ponto invisível no centro no qual encontra-se nosso verdadeiro *Self* e a Fonte Divina. (CARR-GOMM, 1994, p.129).

A identificação dos druidas modernos pagãos é vinculada a reverência aos ancestrais e à terra, a crença nos deuses antigos, sendo politeístas e animistas, na crença da transmigração das almas e no awen, fluxo de inspiração divina que se expressa na criatividade e na magia da vida. O

druidismo foi ao longo da segunda metade do século XX, resgatando sua identidade pagã, e estruturando e consolidando suas práticas e crenças, que foram questionadas, tal como na Wicca, em relação a antiguidade e autenticidade. Ele tem ganhado adeptos, que formam Ordens e *groves* (grupos), e se difundido pela internet. Além de ter se tornado quase o cartão postal dos monumentos megalíticos de Stonehenge, com suas celebrações de solstício de inverno. A figura do velho druida, também ganha a simpatia das pessoas, nos personagens do cinema como Merlim e Gandalf, apesar desse último ter seu nome derivado da mitologia germânica.

## Asatrú

Asatrú, significa fé nos deuses, fé (troth), deuses (aesir)[5]. E o povo que tinha a fé nesses aesir, eram chamados de heathens, que seriam os não cristãos da Europa germânica, ou pagãos em latim.

E no romântico século XIX, o passado pagão germânico também foi alvo de investigação e exaltação, pelo movimento völkisch. Os famosos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm contribuíram com esse renascimento com sua coleção de folclore, construída na convicção de que uma identidade nacional poderia ser encontrada na cultura popular e com o povo comum (Volk). Indo mais além Jacob Grimm, que foi um dos pais da moderna filologia, em 1844 "completou sua obra-prima, a Mitologia Teutônica em quatro volumes, que pesquisava as conexões entre a mitologia nórdica e as remanescentes tradições folclóricas da Alemanhã" (PAXSON, 2009, p.70). De acordo com a sacerdotisa Asatrú Diana Paxson, a obra ainda é uma das fontes mais úteis de informação sobre a religião germânica. O historiador Johni Langer (2015, p.309) diz que os relatos de tradições folclóricas, preservadas desde o baixo medievo até o século XIX, foram fontes muito

[5] "Ases são uma família de deuses, a mais importante da mitologia escandinava. O termo em nórdico antigo *áss (*plural: aesir, feminino: ásynja*)* significa deus, e segundo Régis Boyer também teria um sentido de força e vida" (LANGER, 2015, p. 46).

utilizadas pela academia oitocentista, e que recentemente estão sendo revalorizadas. Foi nessa época também que as Eddas[6] e as sagas[7] foram traduzidas aos vernáculos modernos.

Na Inglaterra, a primeira tradução da Edda Poética e a publicação de antigas baladas, avivou o interesse pela antiga Escandinava. Nos Estados Unidos, Henry Wadsworth recontou uma série de histórias do Heimskringla[8], de Snorri Sturlusson[9], na coleção Tales of a Wayside Inn. A história de Siegdfried[10] foi retratada por vários poetas e teatrólogos, e em 1876, Richard Wagner apresenta seu drama musical, a ópera "O anel dos nibelungos" baseada na história como contada na Volsungasaga. Paxson conta que:

> cantores modernos têm relatado que atuar no ciclo do Anel é "quase uma experiência religiosa". Muito antes de passar pela cabeça de alguém que talvez fosse possível praticar realmente os velhos costumes, a música de Wagner estava deixando as pessoas conscientes de um poder espiritual muito diferente da fé que elas conheciam. (PAXSON, 2009, p.71).

Então, no início do século XX surge os ocultistas völkisch, ou Ariosofistas. Um desses völkisch Ariosofistas foi o ocultista austríaco Guido von List, que estabeleceu uma religião que ele chamou de "Wotanismo", com um núcleo interno que ele se referiu como "Armanismo". Von List baseou-se fortemente nos Eddas, embora ao longo do tempo passou a ser cada vez mais influenciado pelos ensinamentos ocultos da Sociedade Teosófica. Em 1933, o eclético Movimento da Fé Alemã, foi fundado pelo

[6] "Segundo alguns pesquisadores, o termo Edda se refere diretamente à arte poética (ódr, influênciado pelo latim Edo, composição; a um local da islândia, Oddi; ou, ainda, à transmissão do conhecimento antigo (Edda, bisavó)" (LANGER, 2015, p. 146).

[7] "O termo saga vem do verbo islandês segja (" dizer, recontar") e é uma exclusividade desta região e do período medieval. [...] Em sua origem, as sagas eram transmitidas oralmente e relacionavam-se com a criação de uma identidade e preservação das tradições regionais. As sagas teriam grande afinidade com as epopeias" (LANGER, 2015, p. 441).

[8] É um épico histórico dos primeiros reis da Noruega.

[9] Famoso sacerdorte islandês que viveu entre 1179-1241 e quem creditam a compilação de obras de caráter mitológico e a compilação de diversas sagas, e o Heimskringla (LANGER, 2015).

[10] É o herói e personagem central da Saga dos Volsungos ou Volsungasaga.

acadêmico de estudos da religião, Jakob Wilhelm Hauer, que queria unir os grupos pagãos antigos díspares. No entanto, ao contrário do que muitos pensam, as ideias desses ocultistas germânicos não tiveram muita repercussão nas lideranças nazistas[11]. (GOODRICK-CLARKE, 2002).

Uma variante do "Odinismo" foi desenvolvido pelo australiano Alexander Rud Mills, que publicou A Odinist Religion (1930) e estabeleceu a Igreja Anglicana de Odin. Politicamente racialista, Mills via o Odinismo como uma religião para o que ele considerava ser a "raça britânica" e considerou estar em uma batalha cósmica com a religião judaico-cristã. Tendo formulado "sua própria mistura única" de Ariosofia, Mills foi fortemente influenciado pelos escritos de von List. Algumas das raízes do Heathenry foram provenientes da "volta à natureza" movimento do início do século 20, entre eles o Kibbo Kift e a Ordem da Cavalaria Woodcraft. E o movimento foi dissolvido durante a era nazista, e após a 2ª guerra mundial, os grupos ficaram com um estigma social. (GOODRICK-CLARKE, 2002).

Durante a era nazista os movimentos foram dissolvidos e após a 2ª guerra mundial, os grupos ficaram com um estigma social. Curiosamente, o que vai despertar novamente o interesse pelas coisas nórdicas será um best-seller mundial na década de 1960: O Senhor dos Anéis. O nome Gandalf como já foi citado, vem da mitologia nórdica e significa "Elfo com Vara de Condão", outros seres como anões, trolls e orcas, também bebem da fonte. Muitas pessoas conheceram as runas pela primeira vez, através das obras de J.R.R. Tolkien. A Sociedade pelo Anacronismo Criativo também despertou o interesse para coisas que haviam sido deixadas para trás.

Ainda no final da década citada, em consonância com o espirito neopagão trazido pela Wicca e Druidismo começam a surgir os grupos de neopaganismo germânico ou heathenism. Alguns vão manter o viés

[11] Com exceção notável da influência fundamental sobre o líder Schutzstaffel (SS) Heinrich Himmler, de seu amigo Karl Maria Wiligut.

racialista e outros vão ser completamente contra. Em 1969 funda-se na Flórida a Sociedade Odinista, e em 1971 à Irmandade Viking, que se transformará em 1976 na Livre Assembléia Ásatru. O seu fundador, Stephen McNallen, deu uma entrevista para a segunda edição, do inovador livro Drawing Down the Moon, em 1986, da jornalista Margot Adler (2006, p.286). McNalle conta que, experimentou muitas religiões, leu sobre a Wicca, investigou sobre Crowley, mas nada havia feito o clique. Até que ele se deparou com uma novela sobre os Vikings, que tocou em algo que ele já acreditava. E logo tornou-se consciente de que você pode escolher seus deuses. Outro grupo importante é o Ásatrúarfélagið da Islandia, que em 1973 conseguiu que o parlamento islandês reconhecesse o Ásatrú como religião.

Assim como a Wicca e o Druidismo, o Asatrú também é questionado sobre as fontes utilizadas e como reconstruir a religião. E então Diana Paxson responde:

> A maioria das pessoas não encontra grande alimento espiritual num pedaço de ferro enferrujado. Se uma religião deve ganhar vida, novas ideias são necessárias. Em círculos do Asatrú, elas são fornecidas pelo que chamamos de "Gnose Pessoal Insubstancial" (GPI), um intuição, uma percepção contemporânea ou, às vezes, um sonho ou visão que proporciona informação adicional, geralmente não verificável, acerca dos deuses, assim como comidas ou cores favoritas. Se um número razoável de pessoas de diferentes áreas expõe, por conta própria, a mesma ideia, ela pode alcançar o status de tradição moderna. Talvez tenha sido assim que a crença de que Thor tem uma barba ruiva se tornou aceita em tempos antigos. (PAXSON, 2009, p.166).

A identificação dos asatrús é vinculada a reverência a terra e aos espíritos da natureza, com a crença nos deuses antigos germânicos, sendo politeístas e animistas. Trabalham com a magia das runas e veneram os antigos heróis, vistos como ancestrais culturais. Esse conceito se adequa a perspectiva que desconsidera a herança genética do praticante Assim, o Asatrú foi ao longo da segunda metade do século XX, resgatando sua identidade pagã, e estruturando e consolidando suas práticas e crenças,

que foram questionadas, sobre o racismo, em relação à etnicidade e cultura. Ele tem ganhado adeptos, kindreds e se difundido pela internet. E recentemente tem ganhado muita notoriedade com o sucesso da série televisiva, Vikings.

## Referências

ADLER, Margot. **Drawing Down the Moon**: witches, druids, goddess-worshippers, and other pagans in America today. New York: Penguim Books, 2006.

CARR-GOMM, Philip. **Elementos da tradição druida**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

DONNARD, Ana. **As Origens do Neo-Druidismo**: entre tradição céltica e pós-modernidade. Estudos da Religião, n.2, p.88-108, 2006.

FRAZER, Sir James. **O ramo dourado**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

GARDNER, Gerald B. **A bruxaria hoje.** São Paulo: Madras, 2003.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Raízes Ocultistas do Nazismo**: cultos secretos arianos e sua influência na ideologia nazi. Lisboa, Terramar, 2002.

LAMOND, Frederic. **Fifty years of Wicca**. 1. ed. Green Magic, 2005.

LANGER, Johnni. **Dicionário de mitologia nórdica**: símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015.

LELAND, Charles. **Aradia, o evangelho das bruxas**. Florianópolis: Outras palavras,

2000.

MICHELET, Jules. **A feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 2003 - (Lado B).

MURRAY, Margaret Alice. **O deus das feiticeiras.** São Paulo: Gaia, 2002.

_____. **O culto das bruxas na Europa Ocidental.** São Paulo: Madras, 2003.

PAXSON, Diana. **Asatrú**: um guia essencial para o paganismo nórdico. São Paulo: Pensamento, 2009.

HOBSBAWN, Eric. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HUTTON, Ronald. **The triumph of the moon:** a history of modern pagan witchcraft.

Oxford, 2000.

_____**Blood and Mistletoe**: The History of the Druids in Britain. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2009.

ORR, Emma Restall. **Princípios do druidismo**. São Paulo: Hi-Brasil, 2002.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.